



A formação cidadã através do letramento literário: vida e poesia em ‘Quarto de Despejo’

Human formation and literary literacy: life and poetry in ‘Quarto de Despejo’

Formación ciudadana y letramento literário: vida y poesia en ‘Quarto de Despejo’

Maria Beatriz Pinto¹

Mestranda da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Carolina Alves Fonseca²

Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora, Colégio de Aplicação João XXIII

Recebido em: 11/08/2020

Aceito em: 08/05/2021

Resumo

O presente relato de experiência refere-se a uma sequência de letramento literário focada no livro ‘Quarto de Despejo’, implementada em uma turma de 1º ano do Ensino Médio. O projeto teve como ponto de partida a oficina literária básica proposta por Rildo Cosson (2018), e foi elaborado em resposta às dificuldades para o efetivo desenvolvimento do letramento literário no Ensino Médio e à necessidade de integrar à formação estética do leitor literário uma formação cidadã, com abordagem crítica e reflexiva da obra literária (BARBOSA, 2011; COSSON, 2018). Durante esse processo, de forma a integrar essas dimensões, além do desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita, oralidade e análise linguística, objetivamos: (i) levar os alunos a apreciarem a obra ‘Quarto de Despejo’ em seus aspectos estéticos, durante muito tempo ignorada devido às origens da autora; (ii) discutir temas transversais relevantes para a formação crítica e reflexiva contemporânea, com destaque para questões de gênero, raça e classe, que são recorrentes na obra.

Palavras-Chave: Letramento literário. Formação cidadã. Quarto de Despejo.

Abstract

This experience report refers to a sequence of literacy lessons implemented in high school, which focuses on the book ‘Quarto de Despejo’. The project was elaborated observing Rildo Cosson’s (2018) proposal for a basic sequence of literacy lessons, in response to the difficulties regarding the effective development of literary literacy in Brazilian high school and taking into consideration the necessity of integrating aesthetic reading and human formation, with a critical approach towards literary work (BARBOSA, 2011; COSSON, 2018). Pursuing the integration of these dimensions besides the development of reading, writing, speaking and linguistic analysis, the aims of this project were: (i) to lead the student to appreciate ‘Quarto de Despejo’ in its aesthetic aspects, which have been long ignored due to the author’s origins; (ii) to debate transversal topics that are relevant to critical and contemporary human formation, especially on the matters of gender, race and class, frequent in this book.

¹ maria.beatriz@letras.ufjf.br

² alvesfonsecacarolina@gmail.com

Keywords: Literary literacy. Human formation. Quarto de Despejo.

Resumen

El presente relato se refiere a una secuencia de letramento literario focalizada en el libro 'Quarto de Despejo', llevada a cabo en un grupo de 1º año de la enseñanza media. El proyecto tuvo como punto de partida el taller literario básico propuesto por Rildo Cosson (2018), y ha sido elaborado en respuesta a las dificultades para el desarrollo del letramento literario en la enseñanza media y a la necesidad de integrar una formación ciudadana a la formación estética del lector, teniendo en cuenta un abordaje crítico de la obra literaria. Con el objetivo de integrar esas dimensiones, además del desarrollo de habilidades de lectura, escritura, oralidad y análisis lingüístico, buscamos: (i) hacer con que los alumnos aprecien la obra en sus aspectos estéticos, por mucho tiempo ignorados por cuenta de los orígenes de la autora; (ii) discutir temas transversales relevantes para la formación crítica contemporánea, poniendo en relieve cuestiones de género, raza, clase social, que son recurrentes en la obra.

Palabras clave: Letramento literario. Formación ciudadana. Quarto de Despejo.

Introdução

O presente relato de experiência refere-se a uma sequência de letramento literário baseada no livro 'Quarto de Despejo', de Carolina Maria de Jesus, implementada em uma turma de 1º ano do Ensino Médio. Essa sequência foi desenvolvida em 2019, durante período de estágio curricular de licenciatura em Letras (Língua Portuguesa e respectivas literaturas), em um colégio de aplicação situado na Zona da Mata mineira, com a orientação da professora regente da turma.

Iniciaremos o texto com esclarecimentos quanto à perspectiva de letramento literário adotada aqui, relacionando esse processo à fruição estética e à formação crítica e reflexiva, de forma a situar a sequência de letramento relatada e a explicitar nossos objetivos. Depois, justificaremos a escolha do livro 'Quarto de Despejo', com uma breve contextualização da obra, e explanaremos dois pontos relevantes nos quais nos pautamos durante a mediação da leitura: (i) o reconhecimento da voz autoral de Carolina de Jesus, aliado à fruição estética de sua escrita; (ii) a reflexão sobre temas sérios e ainda muito atuais evocados pelo livro, tais como questões de raça, classe, gênero e, em perspectiva mais ampla, direitos humanos. Apresentaremos, então, o desenvolvimento da sequência de letramento literário, e encerraremos com algumas considerações finais.

Quando falamos em letramento literário, referimo-nos à "condição daquele que não apenas é capaz de ler e compreender gêneros literários, mas aprendeu a gostar de ler literatura e o faz por escolha, pela descoberta de uma experiência de leitura distinta, associada ao prazer estético" (BARBOSA, 2011, p. 143). Esse termo dialoga, é claro, com o conceito de letramento, que envolve "um

conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 1995, p. 19). Ao longo dos últimos anos, os estudos dos letramentos têm contribuído para compreensão mais ampla dos processos de leitura e escrita, que vão além da estrita decodificação alfabética.

No nível do Ensino Médio, parece haver desafio particular para desenvolver o letramento literário em sala de aula, bem como para construir relações entre as obras estudadas e a realidade contemporânea: trata-se da tendência de o ensino de literatura confundir-se com estudos sobre a literatura (BARBOSA, 2011, p. 149), ou, nas palavras de Cosson (2018, p. 21), limitar-se à história da literatura brasileira, sem que haja, de fato, a leitura das obras e a experiência com o texto.

Essa forma de conceber o espaço da literatura na escola vai de encontro não só à concepção de letramento literário, que envolve práticas situadas e críticas de leitura, mas também ao que postula a BNCC (BRASIL, 2017, p. 9), em que se estabelece como competência geral para a educação básica “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural”. Além disso, nas competências específicas da área de Linguagens e suas tecnologias, as orientações oficiais associam constantemente as práticas de linguagem ao posicionamento crítico e ao respeito aos Direitos Humanos e às diversidades, tal como exemplificado a seguir:

3. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, **respeitar as diversidades, a pluralidade de ideias e posições e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.** (BNCC, 2017, p. 481-482, grifo nosso)

Tais orientações reforçam a necessidade de aliar a fruição estética ao desenvolvimento crítico e a valores éticos. O espaço da literatura na sala de aula, portanto, deve ser capaz de promover não apenas seu valor como manifestação artística e cultural, de natureza dialógica, que manipula a palavra para (re)construir o mundo, mas também seu potencial para a reflexão e discussão de temas transversais caros à educação contemporânea, permitindo que os alunos estabeleçam relações entre as obras lidas e a realidade que vivenciam (COSSON, 2010). Essas duas dimensões – de fruição estética e de formação humana – não são opostas, mas complementares, intrinsecamente relacionadas, e precisam ser contempladas no letramento literário.

Para que o trabalho com a literatura na sala de aula se materialize nessa perspectiva, é preciso

que haja de fato a experiência com o texto literário e, mais do que isso, que a mediação do professor nesse processo possibilite aos alunos o estabelecimento de vínculos entre aquilo que se lê e aquilo que se vive. No anseio de propostas concretas, capazes de responder a essa necessidade, elaboramos a sequência aqui apresentada, tendo como ponto de partida a dinâmica básica de oficina literária sistematizada por Cosson (2018), dividindo-se em quatro etapas principais: Motivação, Introdução, Intervalos de leitura e Interpretação. Para a leitura dessa obra específica, além do desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita, oralidade e análise linguística, nossos objetivos específicos foram: (i) levar os alunos a apreciarem ‘Quarto de Despejo’ em suas dimensões estéticas, durante muito tempo ignoradas devido às origens da autora; (ii) discutir temas transversais relevantes para a formação crítica e reflexiva contemporânea, com destaque para questões de gênero, raça e classe, que são recorrentes na obra.

Com este relato, tencionamos suscitar reflexões sobre a proficuidade do trabalho com obras literárias para a formação humana, crítica e reflexiva, bem como oferecer uma possibilidade prática, que pode ser adaptada para diversas salas de aula ou, ainda, servir de inspiração para a elaboração de novas propostas.

A escolha de ‘Quarto de Despejo: diário de uma favelada’ e abordagem à obra

‘Quarto de Despejo: diário de uma favelada’ suscitou polêmicas desde seu lançamento, em 1960. Quando o jornalista Adáulio Dantas visitava a favela do Canindé para escrever uma reportagem, conheceu Carolina Maria de Jesus, mulher negra e catadora de papel, e teve acesso a seus manuscritos. A obra foi, desde seu início, atravessada por uma relação bem-intencionada, mas problemática (PERPÉTUA, 2011): Adáulio, na posição de padrinho de Carolina, decidiu, que apenas os diários mereciam ser publicados, apesar da vasta produção entregue pela escritora, e passou, a editá-los. Mesmo que sua pretensão fosse de intervir minimamente no texto, os cortes e a seleção do que é considerado significativo já constituíram decisão importante a respeito da obra.

Lançado o livro, a repercussão foi enorme. A obra suscitava curiosidade e interesse, mas também desconfiança. Muitos escritores e intelectuais da época duvidavam de que Carolina realmente a tivesse escrito. Quando a legitimidade da autoria não era questionada, o livro era abordado muito mais sob a perspectiva de testemunho da pobreza, marcado pelo “exotismo da voz popular em grito de protesto contra a fome” (CORONEL, 2014, p. 276), e não como produção literária, dotada de valor artístico.

Coronel (2014, p. 276) esclarece bem a perspectiva arrogante com que o livro de Carolina foi recebido:

(...) Estes [críticos acadêmicos, editores, jornalistas] apresentaram *Quarto de despejo* como obra feita por uma favelada que escrevia, não por uma escritora. E favelada, segundo a visão corrente, só podia falar sobre favela, assunto que reconhecidamente conhece. Como se o bairro pobre de onde vinha empobrecesse-lhe a escrita, comprometendo sua ficcionalidade. Como se da mulher pobre não se pudesse esperar mais do que o testemunho real da pobreza. Como se seu chão fosse seu teto em termos de alcance literário.

Embora a pobreza e a fome constituam, é claro, elementos marcantes em ‘Quarto de Despejo’, e inclusive sejam o mote para alguns dos trechos mais expressivos (e doloridos) do diário, é reducionista compreendê-lo como mero relato das circunstâncias e da época em que viveu Carolina. Se o diário é (também) documento de um espaço e de uma época, ele surge da elaboração textual de um sujeito, que deixa nele suas marcas, suas escolhas. Coronel (2014, p. 272) destaca a dimensão literária da obra ‘Quarto de Despejo’, ignorada devido a uma visão simplista e discriminatória acerca de sua autora: “Ainda no caso de uma escrita tão próxima à experiência, são os recursos de linguagem que permitem à autora criar uma narrativa contundente acerca da experiência vivida, representando, por exemplo, a fome como uma vertigem amarela”.

Tendo em vista essas considerações, a motivação para propor a leitura de ‘Quarto de Despejo: diário de uma favelada’ em sequência de letramento literário com alunos do primeiro ano do Ensino Médio pode ser compreendida em dois níveis inter-relacionados. Por um lado, o livro evoca temas sérios e ainda muito atuais, tais como questões de raça, classe e gênero, oferecendo, assim, oportunidade para discuti-los tendo em vista a perspectiva de sujeitos normalmente silenciados em nossa sociedade. Por outro lado, e para além disso, a escrita de Carolina de Jesus aborda essas questões – e muitas outras – com rica expressividade e elaboração da linguagem – não em um sentido “purista” e tradicional, pautado em um modelo de língua ideal, mas no sentido de transfigurar e reelaborar o mundo e a si mesma através de língua viva, valendo-se de recursos expressivos, figuras de linguagem, imagens-síntese etc.

Trata-se, portanto, não apenas de uma reflexão, mas também de uma prática de escuta, buscando ouvir a voz de uma escritora negra periférica que vivenciou as piores consequências das desigualdades sociais e foi capaz de transfigurá-las habilmente por meio da linguagem. Isso implica que, para reconhecer efetivamente a autora, é preciso atentar não apenas para as questões sociais, mas também para seu valor estético e literário. Acreditamos que a postura de reconhecer a ESCRITORA

habilidosa na mulher negra e pobre, que por muitos anos foi tratada como “uma favelada que escrevia”, pode ter, em sala de aula, efeito tão educador, em termos de questões de raça, gênero e classe, quanto a discussão desses temas em si. Explicitaremos como essa abordagem da obra foi implementada na sala de aula, com o desenvolvimento da sequência de Letramento literário.

O desenvolvimento da sequência de letramento literário: Motivação, Introdução, Intervalos de Leitura e Interpretação

Conforme elucidamos anteriormente, esta sequência, que toma como ponto de partida as oficinas literárias defendidas por Cosson (2018), divide-se em quatro etapas: Motivação, Introdução, Intervalos de Leitura e Interpretação. Ao longo desta seção, retomaremos brevemente as formulações do autor para cada uma dessas etapas, e apresentaremos como elas se configuraram em nosso projeto de leitura de ‘Quarto de Despejo’.

A sequência teve início com a fase de Motivação. Segundo Cosson (2018), a motivação é um momento de preparação, propício para uma antecipação (criação de hipóteses, identificação de expectativas, ativação dos conhecimentos já construídos que dialogam com a obra) conduzida pelo professor, de modo a favorecer o processo de leitura.

A primeira aproximação com a obra ocorreu pela via do gênero textual. Nas aulas de literatura, o gênero diário é menos frequente que romances ou poemas. O fato de ter sido gerado a partir de um diário autêntico foi um dos fatores que contribuiu para que a obra de Carolina fosse lida muito mais em seu aspecto documental, embora a linguagem utilizada na obra seja claramente de elaboração literária. Sendo assim, essa etapa buscou direcionar a reflexão acerca do possível estatuto literário de diário. Houve discussão oral, visando ativar os conhecimentos e competências já construídos em relação a esse gênero. Paulatinamente, a discussão foi direcionada a aspectos linguísticos, estruturais e discursivos, tais como os possíveis objetivos dessa prática de escrita; os elementos que fazem com que um diário se torne interessante e passe a ser objeto de leitura do público mais amplo; a recorrência da escrita em primeira pessoa e a abertura do texto com a data de escrita.

A seguir, apresentamos aos alunos uma proposta de produção escrita, segundo a qual eles deveriam escrever um segmento (um dia) de diário pessoal. Poderiam falar sobre sua rotina, seus temores, seus desejos e sonhos etc. Além de mobilizar, na prática, os aspectos discursivos e linguísticos desse gênero, discutidos anteriormente, essa produção proporciona a experiência íntima, reflexiva e

subjetiva própria da escrita de um diário pessoal. A compreensão dessa dimensão pode, é claro, enriquecer o contato posterior com o diário de Carolina Maria de Jesus.

Finalizada a produção dos alunos, foram feitas perguntas sobre o processo de escrita desse texto, retomando os aspectos discursivos, de forma mais ampla, e mais estritamente linguísticos, de forma específica, que foram sistematizados no quadro-negro. Não se trata de uma verificação daquilo que foi feito de forma “certa” ou “errada” de acordo com modelo de pré-estabelecido, mas sim de dar continuidade ao processo de reflexão sobre o gênero tendo em conta a própria experiência de escrita vivenciada. Prosseguimos, enfim, para a discussão do estatuto literário desse gênero, levando a turma à percepção de que, via de regra, para que adquira interesse literário, um diário precisa apresentar (i) conteúdo atraente e interessante, seja pela época, pela curiosidade dos fatos relatados ou pelas circunstâncias em que o autor vivia; e (ii) linguagem elaborada (muitas vezes, pelo caráter subjetivo do texto, aproxima-se da linguagem poética), capaz de envolver o leitor.

Já na aula seguinte à Motivação, foi realizada a etapa de Introdução. Para Cosson (2018), esse é o momento destinado à apresentação do autor e do livro, no qual busca-se fazer com que a leitura seja recebida pelos alunos de forma positiva. A partir de perguntas e imagens apresentadas em *slides*, iniciamos a mediação de uma discussão sobre questões de desigualdade de gênero, racial e econômica, que perpassam tanto a obra de Carolina quanto a constituição da sociedade contemporânea. A cada tópico discutido, apresentava-se, em momento estratégico, um aspecto da autora ou da obra que se relaciona a esse mesmo tópico: por exemplo, após discutir alguns aspectos da desigualdade racial em nossa sociedade, anunciamos que a autora do livro que leríamos era uma mulher negra e que, portanto, o texto trazia essa perspectiva³. Ao final desse encontro, combinamos com a turma as datas em que ocorreriam os dois Intervalos de Leitura da sequência e até que ponto a leitura do livro deveria ter progredido em cada um deles.

A etapa subsequente foi a dos Intervalos de Leitura, durante os quais buscamos explorar elementos como a ambientação, as características da autora/narradora e os temas recorrentes da obra de forma relacionada a aspectos mais especificamente textuais/linguísticos, bem como proporcionar estabelecimento de relações com outros textos que apresentassem alguma possibilidade de diálogo com ‘Quarto de Despejo’. O primeiro Intervalo, para o qual os alunos deveriam ter lido até a página 90,

³ Vale ressaltar que, para não limitar a pessoa de Carolina a suas características ligadas a esses temas, foram apresentadas outras dimensões de sua constituição como ser humano integral (não apenas seu gênero ou sua classe), tais como seu gosto pela natureza e sua afinidade com crianças. Trata-se de uma tentativa modesta de evitar a leitura de Carolina apenas numa perspectiva coletiva, que a reduza a “porta-voz da favela” e ignore sua individualidade (cf. CORONEL, 2014, p. 277).

ocorreu duas semanas após a Introdução; o segundo, para o qual deveriam ter lido até a página 130, ocorreu uma semana depois do primeiro.

Para Cosson (2018), os intervalos de leitura são momento de acompanhamento da leitura dos alunos, para auxiliá-los e direcioná-los. Os intervalos podem ser compreendidos, ainda, como atividades direcionadas que explorem, com intencionalidade pedagógica, aspectos específicos da obra relevantes para sua compreensão em um sentido amplo. Os prazos para a leitura do livro devem ser combinados com a turma, havendo tempo suficiente para que a leitura seja realizada em casa.

No primeiro intervalo, buscamos estabelecer relações intertextuais entre a música “Chão de Estrelas”, composta por Silvio Caldas e Orestes Barbosa, e o diário escrito por Carolina Maria de Jesus, atentando principalmente para o contraste na forma como o espaço da favela é caracterizado em cada uma dessas produções. A autora de ‘Quarto de Despejo’ refere-se à favela de forma normalmente pejorativa, como demonstram a própria metáfora do “quarto de despejo”, que dá título ao livro, e segmentos que mencionam, por exemplo, “o odor dos excrementos que mescla com o barro podre”. Já a canção “Chão de Estrelas” celebra esse espaço: “Nosso barracão no morro do Salgueiro / Tinha o cantar alegre de um viveiro”. Segundo Machado (2006, p. 107), “Quarto de despejo colocou em questão a visão romântica de favela então prevalecente, cujo paradigma era a letra da música Chão de estrelas, de Sílvio Caldas e Orestes Barbosa”. Essa discussão mostrou-se solo fértil para provocar a reflexão acerca da representação da favela no imaginário da sociedade. É interessante que o professor chame a atenção dos alunos para o fato de que se trata de duas visões possíveis, marcadas pela subjetividade daqueles que a retratam e pelas intenções específicas de cada texto, sem que uma delas precise ser considerada mais “correta” ou “fiel à realidade”. Sabemos, é claro, que as denúncias feitas por Carolina tratam de problemas reais, mas também sabemos que muitos moradores das chamadas comunidades desenvolvem com esse ambiente uma relação de afetividade e pertencimento.

Sendo assim, após ouvir a canção e interpretá-la, passamos ao diálogo entre os dois textos. Diante de trechos selecionados, nos quais Carolina Maria de Jesus tematiza a favela, propusemos aos alunos questões que buscassem levar não apenas à compreensão de seu significado e relevância no contexto da obra, mas também à percepção de que, ambos os textos têm em comum o cenário da favela, há uma oposição na forma como esse espaço é caracterizado por meio das palavras em cada um deles. Foram destacadas e analisadas, sobretudo, as figuras de linguagem das quais Carolina se vale na representação da favela, as quais são recorrentes e constituem um ponto de interseção entre a dimensão estética de sua escrita e a denúncia das desigualdades sociais presente em sua obra. A

exploração desse ponto de interseção vai, portanto, ao encontro da nossa perspectiva de letramento literário e da nossa abordagem à obra, já esclarecidas anteriormente.

Exploradas essas questões, os alunos reuniram-se em grupos e buscaram identificar outros trechos de 'Quarto de Despejo' nos quais Carolina expressa a forma como vê a favela e/ou a vida nesse lugar e, a seguir, apresentaram à turma o trecho escolhido, explicando por que o consideraram interessante, inclusive no que diz respeito às dimensões linguísticas/literárias, tais como as escolhas lexicais da autora ou a utilização de recursos expressivos. É importante destacar que, com essa atividade, conseguimos chegar a uma melhor percepção de como estava se desenvolvendo a compreensão da obra por parte dos alunos. Eles foram capazes de selecionar trechos relevantes e discuti-los de forma consonante à proposta da atividade.

Já no segundo intervalo de leitura, as relações intertextuais foram estabelecidas com o conto "A fuga", de Clarice Lispector, tendo em vista principalmente as diferenças entre o que é ser mulher perspectivada pela escrita de cada uma dessas autoras. O conto é narrado em primeira pessoa por uma mulher casada de meia idade que, num ímpeto, saturada pelos doze anos de casamento opressivo, deixa o lar e é tomada por uma fascinante sensação de liberdade ao perambular, sozinha, pelas ruas do Rio de Janeiro. No entanto, essa atmosfera é rompida quando, aos poucos, a personagem volta a se sentir coagida pelas convenções sociais, o que a leva a abandonar a ideia de partir. Para a leitura desse conto, optamos pelo procedimento conhecido como leitura com pausa protocolada (COSCARELLI, 1996).

Fizemos perguntas que levassem o aluno a perceber que, embora tanto a personagem de "A Fuga" quanto Carolina de Jesus sejam mulheres, suas condições (de raça, de classe, de espaço) fazem com que os problemas enfrentados por cada uma delas sejam de ordens muito diferentes (OLIVEIRA, 2012; PLAT, 1992). Alguns aspectos interessantes a serem explorados na comparação dos dois textos são, por exemplo, o significado que a chuva adquire em "A Fuga" (liberdade, renovação) em comparação com 'Quarto de Despejo' (fome, não poder sair para trabalhar); a afirmação de que a protagonista do primeiro há doze dias não sentia fome, em contraposição com a recorrência da fome, inclusive através de metáforas, no segundo; a relação da protagonista em relação às convenções sociais do casamento, no primeiro, *versus* a recusa de Carolina em se casar, no segundo. Temos, aqui, um momento oportuno para desconstruir a ideia de que existe uma "literatura feminina" universal, visto que as questões do ser mulher são múltiplas e variam de acordo com as condições e a subjetividade de cada uma.

A quarta e última etapa, por fim, foi a de Interpretação. Segundo Cosson (2018), a interpretação é um momento de reflexão, elaboração, exteriorização e registro da leitura. "O importante é que o aluno

tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizar essa de uma forma explícita, permitindo o estabelecimento do diálogo entre os leitores da comunidade escolar” (COSSON, 2018, p. 68).

Para dar conta desse processo, optamos por uma atividade de produção escrita, buscando proporcionar situações significativas para a interação (LEAL; BRANDÃO, 2007). Identificamos, nesse colégio, uma situação propícia para a escrita de textos com interlocutores específicos, que oferecia motivo para a produção de materiais que abordassem a obra lida. Percebemos que, nas paredes das salas destinadas à Educação de Jovens e Adultos (EJA), até então, não havia materiais feitos por ou para alunos daquela turma, mas sim para as crianças do Ensino Fundamental I, que estudavam lá à tarde, havendo necessidade de produções que dialogassem com a faixa etária da EJA. Propusemos à nossa turma de 1º ano do Ensino Médio regular a elaboração de um cartaz destinado aos alunos da EJA, com o objetivo específico de convencê-los a ler ‘Quarto de Despejo’. Vale destacar que propor a leitura de ‘Quarto de Despejo’ a outros alunos da escola ganhou ainda mais sentido considerando-se que, no mesmo ano, ocorreria para toda a escola uma feira literária de tema “Arte, Memória e (Re)existências”.

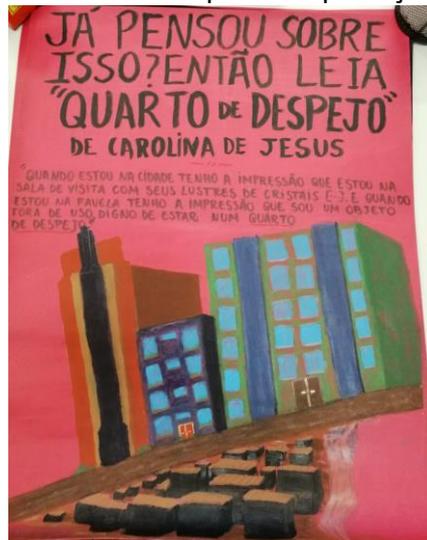
Antes da escrita, retomamos alguns aspectos centrais para a produção do gênero cartaz (deve valer-se de recursos para atrair a atenção do destinatário, pode incluir linguagem não-verbal, costuma explorar diferentes tamanhos de fonte, pode dirigir-se diretamente ao destinatário, usando vocativos etc.). A turma dividiu-se em 6 grupos, cada um responsável pela confecção de um cartaz, que foi colado em uma das salas de aula onde estudam os alunos da EJA ⁴(etapas de Fundamental II e Ensino Médio). Foram utilizados recursos como canetas hidrocor, material para colagem e tinta.

Antes de partir para as considerações finais, apresentamos, abaixo, a foto de um dos cartazes produzidos pelos alunos, no qual a pintura e a seleção do trecho exposto sugerem que a leitura de ‘Quarto de Despejo’ mobilizou reflexões acerca das desigualdades sociais brasileiras, sobretudo em suas relações com a segregação espacial urbana. É relevante observar que a opção por colocar no cartaz um trecho em que essas relações são trabalhadas de forma metafórica, por meio das imagens da “sala de visitas” e do “quarto de despejo”, sugere, também, que foi possível articular a discussão de questões sociais e éticas à dimensão estética, chamando atenção para a elaboração da linguagem de Carolina de Jesus e reconhecendo-a, portanto, como artista e escritora, conforme os objetivos enunciados no início

⁴ Essa interação entre turmas pode, em outra ocasião, dar origem a um novo projeto de ensino – que, infelizmente, não foi possível em nosso caso, visto que se tratava de um curto período de regência de aulas. São múltiplas as produções – escritas ou orais, nos mais diversos suportes – que os professores de Língua Portuguesa e Literatura das turmas de EJA poderiam propor como resposta aos alunos de Ensino Médio, bem como os projetos de letramento literário que poderiam ser iniciados a partir desse diálogo.

deste relato.

Figura 1
Atividade da etapa “Interpretação”



Fonte: Cartaz produzido pelos alunos (arquivo das professoras)

“Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visitas com seus lustres de cristais (...). E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS, 1960, p. 33).

Considerações finais

Neste relato, tecemos inicialmente algumas considerações sobre o processo de letramento literário escolar e definimos nossa perspectiva de abordagem à obra ‘Quarto de Despejo’, pautada pelo reconhecimento da voz autoral de Carolina de Jesus, aliado à fruição estética de sua escrita, e pela reflexão sobre temas como questões de raça, classe, gênero e, numa perspectiva mais ampla, direitos humanos. Em seguida, apresentamos as etapas de Motivação, Introdução, Intervalos de Leitura e Interpretação desenvolvidas durante a leitura dessa obra com uma turma de 1º ano de Ensino Médio.

Tendo em vista o desenvolvimento da sequência apresentada, consideramos que os objetivos estabelecidos inicialmente foram alcançados. Por meio do trabalho com as figuras de linguagem, bem como com as escolhas lexicais presentes na obra de Carolina, e do estabelecimento de relações intertextuais com a canção Chão de Estrelas e o conto A fuga, foi possível alcançar, de forma integrada e inter-relacionada, os objetivos específicos de: (i) levar os alunos a apreciarem ‘Quarto de Despejo’ em suas dimensões estéticas, durante muito tempo ignoradas devido às origens da autora e (ii) discutir temas transversais relevantes para a formação crítica e reflexiva contemporânea, com destaque para questões de gênero, raça e classe, que são recorrentes na obra.

Referências

BARBOSA, Orestes; CALDAS, Sílvio. *Chão de Estrelas* (1937). Curitiba: Revivendo Músicas: 1993. 1 disco sonoro (59 min).

CORONEL, Luciana Paiva. A censura ao direito de sonhar em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 44, p. 271-288, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/elbc/n44/a13n44.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2020.

COSCARELLI, Carla Viana. O ensino da leitura: uma perspectiva psicolinguística. In: **Boletim da Associação Brasileira de Linguística**. Maceió: Imprensa Universitária, dez. 1996. p. 163-174.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2a. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. In: COSSON, Rildo; MACIEL, Francisca; PAIVA, Aparecida (Org.). **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 55-68. Disponível em: http://educacaointegral.mec.gov.br/images/pdf/biblioteca/2011_literatura_infantil_capa.pdf. Acesso em: 22 jul. 2020

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Editora Paulo de Azevedo, 1960.

LEAL, Telma Ferraz. É possível ensinar a produzir textos! Os objetivos didáticos e a questão da progressão escolar no ensino da escrita. In: _____. **Produção de textos na escola: reflexões e práticas no ensino fundamental**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LISPECTOR, Clarice. **O primeiro beijo e outros contos**. São Paulo: Ática: 1997.

MACHADO, Marília Novais da Mata. Os escritos de Carolina Maria de Jesus: determinações e imaginário. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 105-110, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n2/13.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2020.

PERPÉTUA, Elzira Divina. Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 22, p. 63-83, 19 jan. 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/8944/7976>. Acesso em: 22 jul. 2020

OLIVEIRA, Raquel Trentin. Duas formas e um mesmo tema: ser mulher entre os laços de família. **Verbo de minas: letras**, Juiz de Fora, v. 13, n. 21, p. 61-71, jan./jul. 2012. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/185/110> Acesso em: 22 jul. 2020

PASQUIER, Auguste; DOLZ, Joaquim. Um decálogo para ensinar a escribir. **Cultura y Educación**. Madrid: Infancia y Aprendizaje, 1996. p. 31-41.

PLAT, Kamala. Race and Gender Representations in Clarice Lispector's "A Menor Mulher do Mundo" and Carolina Maria de Jesus' *Quarto de Despejo*. **Afro-Hispanic Review**, v. 11, n. 1, p. 51-57, 1992.